Análise Psicológica (1990), 3 (VIII): 311-318

É o último sistema de avaliação moral de Kohlberg realmente estrutural? (*)

ORLANDO M. LOURENÇO (**)

Actualmente, publicam-se por ano centenas de estudos sobre o desenvolvimento moral. Lawrence Kohlberg (1958, 1969, 1971, 1976, 1981, 1984; Colby & Kohlberg, 1987, 1987a) tem sido extremamente influente em toda esta pesquisa.

A tese de que o pensamento moral dos sujeitos forma um *todo estruturado* («structured whole») é uma asserção central na teoria Kohlbergiana do desenvolvimento do raciocínio moral. Com efeito, para Kolhberg (1984), «uma determinada solução numa tarefa [dilema moral] não representa uma resposta específica devida ao conhecimento e à familiaridade com essa tarefa ou outras similares; essa solução representa antes uma organização de pensamento que está subjacente à resposta do sujeito a tarefas que não são manifestamente similares» (p. 14). A tese Kohlbergiana de que os estádios morais formam um todo estruturado levou Kohlberg e seus colaboradores a uma contínua reformulação da definição dos estádios de juízo moral, bem como da metodologia para os avaliar. Na verdade, os sistemas de avaliação moral iniciais (Kohlberg, 1958), *Avaliação do Dilema como um Todo* («Global Story Rating») e *Avaliação Resposta a Resposta* («Sentence Scoring»), baseavam-se fundamentalmente numa análise de conteúdo e, portanto, não estabeleciam uma distinção clara entre estrutura e conteúdo. Como Colby e Kohlberg (1987a) salientaram: «Essas duas metodologias [«Global Story Rating» e «Sentence Scoring»] dirigiam-se às preocupações de conteúdo que os sujeitos utilizavam na resolução dos dilemas morais, e tratavam tais preocupações como indicadores do estádio de desenvolvimento a que presumivelmente estavam associadas» (p. 38). No dilema de Heinz (conflito entre roubar para salvar uma vida versus não roubar para respeitar o direito à propriedade), por exemplo, eram consideradas de estádio 1 as respostas que referiam o medo do Heinz em ser punido; de estádio 3, as respostas que referiam o amor do Heinz pela sua mulher; e de estádio 4 as que acentuavam o respeito do Heinz pela ordem e pela lei. Kohlberg (1984) sustentou mesmo que a confusão inicial entre estrutura e conteúdo foi responsável pelos casos de inversões longitudinais e mistura de estádios encontrados em várias investigações na década de 60 (e. g., Kohlberg & Kramer, 1969; Kramer, 1968). Quanto ao novo sistema de avaliação moral («Standard Issue Scoring Manual», Colby & Kohlberg, 1987, 1987a), doravante designado por SISM, Kohlberg (1984) sustenta que «conduz a uma diferenciação explícita entre conteúdo e estrutura» (p. 245). Isto é, Kohlberg clamou que no SISM a *estrutura* ou estádio (perspectiva sócio-moral) é realmente distinta

(*) Parte deste artigo foi apresentado à 2.ª Convenção dos Psicólogos Portugueses, Lisboa, Novembro de 1989.

(**) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

do *conteúdo* envolvido (i. e., valor-norma--elementos morais referidos). Por exemplo, no novo sistema de avaliação, preocupações com a lei e a norma social podem ser invocadas *dentro de uma perspectiva de estádio 3*. Nos antigos sistemas de avaliação moral, tais preocupações eram sempre classificadas como de estádio 4.

O objectivo principal deste estudo é examinar em que extensão a estrutura de estádio é realmente independente do seu conteúdo no último e definitivo sistema de avaliação moral apresentado por Kohlberg e colaboradores (Colby & Kohlberg, 1987, 1987a). Como sugerido por Rest (1979), um modo de avaliar a independência entre estrutura e conteúdo é exactamente analisar como cada uma das categorias de conteúdo moral Kohlbergianas (i. e., valor, norma, elemento moral) se distribui por cada um dos nove estádios estruturais no «Standard Issue Scoring Manual» (Colby & Kohlberg, 1987): cinco estádios «puros» (estádios 1, 2, 3, 4 e 5) e quatro estádios de transição (estádios 1/2, 2/3, 3/4 e 4/5). Com efeito, se a estrutura de estádio pode ser realmente dissociada do seu conteúdo, então será de prever que qualquer estádio possa ser definido por qualquer das categorias de conteúdo (valores, normas e elementos morais) e, ainda mais, por qualquer dos tipos da categoria de conteúdo que Kohlberg considerou como a mais importante de todas, ou seja, os elementos morais. De facto, para Colby e Kohlberg (1987a), «os valores e as normas [duas das três categorias Kohlbergianas de conteúdo moral] referem-se a crenças partilhadas que são exteriores ao self. Como tal, valores e normas são mais sociológicos, enquanto os elementos são mais filosóficos e psicológicos... Valores e normas correspondem de perto a regras e a instituições na sociedade. Os elementos morais [a outra categoria Kohlbergiana de conteúdo moral], ao invés, podem ser considerados como disposições gerais internas que conferem sentido a essas regras e instituições» (p. 55).

Neste estudo, partimos da hipótese de que se o estádio moral for realmente independente do conteúdo no novo sistema de avaliação de Kohlberg, então cada um dos nove estádios estruturais poderá ser definido em termos de qualquer dos quatro tipos de elementos morais: elementos *normativos* (do elemento n.º1, «Obedecer», ao elemento n.º5, «Ter dever»), elementos *utilitários*(do elemento n.º6, «Boa/má reputação», ao elemento n.º9, «Boas/más consequências para o grupo»), elementos *perfeccionistas* (do elemento n.º10, «Manter o carácter», ao elemento n.º13, «Servir a dignidade humana e a autonomia»), e elementos de *justiça* (do elemento º14, «Balanceamento de perspectivas ou 'role-taking'», ao elemento n.º17, «Manter os contratos sociais ou os acordos livremente assumidos»).

METODOLOGIA

Cada um dos 708 *Juízos-Critério* incluídos no SISM (Colby & Kohlberg, 1987) foram distribuídos pelo seu respectivo *estádio* moral (1, 1/2, 2, 2/3, 3, 3/4, 4, 4/5 e 5), bem como pelas suas respectivas categorias de conteúdo: *valor* moral (escolha «justa» versus escolha «injusta»), *norma* moral (afiliação, autoridade, consciência, contrato, lei, vida, propriedade ou castigo), e tipo de *elemento* moral (elementos normativos, utilitários, perfeccionistas e de justiça) (ver tabela 1).

RESULTADOS

A tabela 1 apresenta a distribuição dos 708 Juízos-Critério pelos nove estádios estruturais, dois valores morais, oito normas morais e quatro tipos de elementos morais.

Estádio moral (estrutura) e valor moral (conteúdo)

O exame da tabela 1 mostra uma independência relativamente forte entre estrutura (i.e., estádio moral) e conteúdo (i.e., valor moral). De facto, um teste binomial ($P=Q=.05$) não revela valor significativo ($p> .05$) para a distribuição das duas possíveis opções (valores morais) face a qualquer dilema de Kohlberg (escolha «justa» vs. «injusta») nos estádios 1/2, 2, 2/3, 3, 3/4, 4, 4/5 e 5. Os resultados na tabela 1 mostram que em quatro estádios (2, 2/3, 3 e 4) a escolha considerada justa é mais frequente que a considerada injusta, e que nos

TABELA 1

Distribuição dos 708 Juízos-Critério de Kohlberg pelos nove estádios, *dois* valores, *oito* normas *e quatro tipos de* elementos *morais*

ESTRUTURA (N)	40	29	84	46	123	97	138	80	71
	Estádio 1	Estádio 1/2	Estádio 2	Estádio 2/3	Estádio 3	Estádio 3/4	Estádio 4	Estádio 4/5	Estádio 5
CONTEÚDO									
Valores «justos» a)	10	12	44	26	71	48	70	37	34
Valores «injustos»	30	17	40	20	52	49	68	43	37
Norma da Afiliação b)	1	2	9	4	19	7	5	1	0
Norma da Autoridade	8	4	11	5	17	13	24	9	9
Norma da Consciência	0	2	6	8	20	17	17	12	4
Norma do Contrato	7	3	3	10	11	5	15	10	9
Norma da Lei	9	4	9	6	14	14	24	20	18
Norma da Vida	3	3	12	5	16	16	17	9	14
Norma da Propriedade	5	4	14	2	7	3	11	3	6
Norma do Castigo	7	7	20	6	19	22	25	16	11
Elementos Normativos c)	25	6	24	5	41	29	27	2	0
Elementos Utilitários	15	23	47	27	30	12	33	11	5
Elementos Perfeccionistas	0	0	0	3	31	39	43	36	30
Elementos de Justiça	0	0	13	11	21	17	35	31	36

a) Valores «justos»: escolha da *vida* (Dilema III), *consciência* (III',IV', VIII), *contrato* (I, II, VII), *qualidade da vida* (IV, V).

b) Sempre que no Manual de Kohlberg apareciam duas normas para um Juízo-Critério, apenas se entrou com a primeira norma indicada.

c) Elementos normativos: do elemento nº1 ao elemento nº5.
Elementos utilitários: do elemento nº6 ao elemento nº9.
Elementos perfeccionistas: do elemento nº10 ao elemento nº13.
Elementos de justiça: do elemento nº14 ao elemento nº17 (ver Colby & Kohlberg, 1987, 1987a).

estádios 1/2, 3/4, 4/5 e 5 se passa o contrário.

A independência entre estádio moral e valor moral não pode, contudo, ser generalizada. Com efeito, um teste binomial mostra um valor significativo ($p < .01$) para a ocorrência da escolha injusta (30) versus justa (10) no estádio 1. Isto é, o estádio 1 é significativamente mais definido em termos de certos valores morais (e.g., valor da propriedade acima do valor da vida) do que de outros (e.g., valor da vida acima do valor da propriedade).

Em suma, a independência entre estádios estruturais e valores morais («moral issues») é frequente, mas não total.

Estádio moral (estrutura) e norma moral (conteúdo)

O exame da tabela 1 mostra também uma independência relativamente forte entre estrutura (i.e., estádio moral) e conteúdo (i.e., normas morais). Na verdade, exceptuando duas normas (norma da consciência no estádio 1 e norma da afiliação no estádio 5), todas as outras estão distribuídas idiossincraticamente por todos os estádios. Isto é, a frequência das diversas normas intra e interestádio não apresenta nenhum padrão regular ou característico. De facto, mesmo que consideremos a norma mais frequente em cada estádio, a mesma norma aparece incluída em estádios muito diferentes (e.g., norma do castigo nos estádios 1/2, 2, 3/4; norma da lei nos estádios 1, 4/5 e 5).

Contudo, a independência entre estádio moral e normas morais não pode ser generalizada. Por exemplo, os estádios 1 e 1/2 por um lado, e os estádios 4/5 e 5, por outro, dificilmente podem ser definidos em termos do conteúdo das normas da afiliação, e da consciência, e do conteúdo da norma da afiliação, respectivamente.

Em síntese, a independêmcia entre estádios estruturais e norma moral é frequente, mas não total.

Estádio moral (estrutura) e elemento moral (conteúdo)

Como já referido, os elementos morais são a categoria de conteúdo moral mais importante na teoria Kohlbergiana do desenvolvimento moral. O exame da tabela 1 mostra uma dependência bastante forte entre estrutura (i.e., estádio moral) e conteúdo (i.e., elementos morais). Por exemplo, os estádios 1 e 1/2 nunca podem ser definidos em termos do conteúdo de elementos perfeccionistas ou de elementos de justiça; do mesmo modo, o estádio 2 nunca pode ser definido em termos perfeccionistas. Ao invés, o estádio 5 não pode simplesmente ser definido em termos do conteúdo de elementos normativos e dificilmente em termos utilitários; também o estádio 4/5 raramente se associa quer a elementos normativos, quer utilitários.

Uma análise mais detalhada pelo teste do significado de uma única proporção ($P=4$, $Q=3/4$) revelou valores significativamente elevados para os elementos normativos no estádio 1 ($z=5.47$, $p<.01$) e para os elementos utilitários no estádio 1/2 ($z=6.75$, $p<.01$), no estádio 2 ($z=6.55$, $p<.01$) e no estádio 2/3 ($z=5.27$, $p<.01$). Ao invés, o mesmo teste estatístico mostrou valores significativamente elevados para os elementos perfeccionistas e de justiça no estádio 4/5 ($z=4.13$, $p<.01$; $z=2.84$, $p<.01$, respectivamente) e no estádio 5 ($z=3.53$, $p<.01$; $z=5.00$, $p<.01$, respectivamente).

Contudo, nos estádios convencionais (estádios 3, 3/4 e 4) a estrutura parece ser realmente independente do conteúdo dos elementos morais. Em síntese, existe uma dependência bastante forte entre estádios estruturais e elementos morais nos estádios pré-convencionais (estádios 1, 1/2, 2, 2/3) e pós-convencionais (estádios 4/5 e 5), mas não nos estádios convencionais.

DISCUSSÃO

A tese *estruturalista* de Kohlberg (1958, 1969, 1971, 1976, 1981, 1984; Colby & Kohlberg, 1987, 1987a) é uma asserção central na sua teoria de desenvolvimento do raciocínio moral. Por outras palavras, Kohlberg (1971) clamou que os estádios morais «implicam um 'todo estruturado', uma organização ou estrutura profunda, unificando uma variedade de respostas aparentemente diferentes» (p. 186). este pressuposto teórico implica, de um ponto de vista empírico, que o pensamento moral do indivíduo se situa dominantamente num único estádio, mesmo

quando observado em situações diferentes. Contudo, descobertas empíricas de inversão longitudinal e de mistura de estádios (Kohlberg & Kramer, 1969; Kramer, 1968), inconsistentes com a tese estruturalista de Kohlberg, levaram-no a reformulações teóricas e metodológicas. Mais especificamente, Kohlberg (1984) sustentou que os procedimentos de avaliação do estádio moral iniciais (Kohlberg, 1958), bem como as definições então propostas para os diversos estádios confundiam, em parte, *conteúdo* e *estrutura*. Ao invés, o novo sistema de avaliação de Kohlberg (Colby & Kohlberg, 1987, 1987a) representou uma tentativa sua para resolver essa confusão inicial. Como Colby e Kohlberg (1987a) acentuaram, «É importante esclarecer que a identificação da unidade valor X norma X elemento [categorias de conteúdo] não define por si o estádio moral de um juízo [categoria estrutural]. A mesma unidade valor X norma X elemento [«issue X norm X element»] pode ser encontrada em vários estádios» (p. 51).

Este estudo examinou a extensão em que a estrutura de estádio é empiricamente distinta das categorias de conteúdo no novo sistema de avaliação Kohlbergiano (i.e., no SISM). Mais ainda, este estudo partiu da hipótese de que se a estrutura moral pode ser realmente dissociada do conteúdo moral, então cada um dos estádios estruturais pode ser definido independentemente dos conteúdos morais envolvidos e, mais ainda, independentemente da categoria de conteúdo moral mais importante na teoria Kohlbergiana (i.e., os elementos morais).

Os resultados do presente estudo mostram que a estrutura do estádio moral não é realmente independente do seu conteúdo e que, portanto, o novo método de Kohlberg para avaliar os estádios morais, não é verdadeiramente estrutural. De facto, estádios há que não podem simplesmente ser definidos em termos de elementos normativos (ex.: estádio 5), de elementos perfeccionistas ou de justiça (estádios 1 e 1/2), e outros há que dificilmente podem ser definidos em termos normativos (estádio 4/5), utilitários (estádio 5), ou perfeccionistas (estádio 2/3). Por outras palavras, a estrutura moral não é realmente independente do conteúdo dos elementos morais nos níveis pré-convencional e pós-convencional. Que a estrutura moral não seja realmente independente do conteúdo dos elementos morais nos níveis pré-convencional e pós-convencional, mas que o seja ao nível convencional, parece constituir um tema de posterior pesquisa no domínio do desenvolvimento moral.

Quanto à questão se saber se a estrutura moral pode ser realmente dissociada das outras categorias de conteúdo Kohlbergianas (i.e., valores e normas morais), os dados deste estudo mostraram uma independência bastante forte (mas não total) entre estrutura e valores («moral issues») como também entre estrutura e normas («moral norms»). Contudo, dada a menor importância do conteúdo dos valores e normas morais em comparação com o conteúdo dos elementos morais, tal independência não tem, para a questão em análise, o mesmo significado que tem a dependência encontrada entre estrutura e elementos morais. Por outras palavras, a independência empírica entre estrutura moral e normas e valores morais (mas não entre estrutura moral e elementos morais) não demonstra que a actual metodologia Kohlbergiana para avaliar o estádio moral seja realmente estrutural. De facto, convém não esquecer que, como salientado por Colby e Kohlberg (1987a), enquanto os valores e as normas são exteriores ao self, os elementos são disposições internas e gerais.

Em síntese, a tentativa de Kohlberg para resolver a confusão entre estrutura e conteúdo dos primeiros sistemas de avaliação moral (Kohlberg, 1958) falhou, em parte, não obstante o tremendo e inventivo trabalho que foi realizado. Uma vez que os dados deste estudo foram obtidos directamente do Manual de Colby e Kohlberg (1987), eles parecem mais convincentes.

Por simples que sejam os dados deste trabalho, eles envolvem implicações teóricas e metodológicas que parecem importantes. Para começar, deve referir-se que Kohlberg (1984) sustentou que muitas dimensões de juízo moral estudadas por Piaget (1932) foram realmente dimensões de *conteúdo* mais do que forma cognitiva. As análises efectuadas neste estudo parecem demonstrar que tal crítica pode ser feita também, em extensão considerável, à teoria Kohlbergiana do desenvolvimento moral.

Em segundo lugar, Kohlberg (1976, 1984)

sustentou que o critério da estrutura de conjunto é de grande importância na distinção entre estádios *funcionais* (e.g., estádios de desenvolvimento psicossocial de Erikson, 1977), estádios estruturais *fracos* («soft structural stages»; e.g., estádios de desenvolvimento do «ego» de Loevinger, 1976) e estádios estruturais *duros* («hard structural stages»; e.g., estádios de Kohlberg do desenvolvimento do raciocínio moral). O nosso estudo parece levantar algumas dúvidas sobre estas distinções Kohlbergianas (Kohlberg, 1984).

Em terceiro lugar, deve mencionar-se que a tese estruturalista de Kohlberg o levou a defender um *modelo de estádio único* (ver Rest, 1979). Isto é, a defender que o pensamento moral dos indivíduos se situa num estádio dominante, mesmo quando observado em situações diversas, embora a presença ou uso de estádios adjacentes também possa ser esperada. Contudo, o nosso estudo parece introduzir algumas questões nesse «single stage model» (modelo de estádio único). Com efeito, se não é realmente possível separar a estrutura moral do conteúdo moral, então é possível que os indivíduos não estejam simplesmente em um determinado estádio moral, mas flutuem dentro de determinada amplitude desenvolvimentista. A esta luz, como assinala Rest (1979), «a questão da avaliação desenvolvimentista não será 'Em que estádio está uma pessoa?' [modelo de estádio único], mas antes, 'Em que extensão e sob que condições uma pessoa manifesta os vários tipos de organização do pensamento?' [modelo complexo de estádio]» (p. 63).

Em quarto lugar, o facto da estrutura moral não ser completamente independente do conteúdo das categorias na nova metodologia de Kohlberg (i.e., no SISM) parece indicar que os resultados obtidos com esse sistema de avaliação devem ser interpretados cautelosamente. Vale a pena mencionar, porém, que esse sistema tem sido utilizado em investigações apresentadas como fornecendo ampla confirmação das três teses fundamentais da teoria Kohlbergiana do desenvolvimento do raciocínio moral. Isto é, confirmação a) de que os estádios morais implicam diferenças *qualitativas* no modo de pensamento dos indivíduos, b) de que esses diferentes modos de pensamento formam uma sequência *invariante*, e c) de que cada estádio é dominado por uma *estrutura de conjunto.*

Finalmente, os dados do nosso estudo parecem enfraquecer algumas das críticas de Kohlberg ao Teste de Definir Valores («Defining Issues Test») de Rest (1979). De facto, se nem mesmo a última metodologia Kohlbergiana dissocia completamente estrutura e conteúdo, então a crítica de Kohlberg (1976) ao DIT («Defining Issues Test») «por avaliar uma variável contínua de maturidade moral em vez de estádios discretos e qualitativos» (p. 47) parece uma crítica irónica!...

Em conclusão, o último sistema de codificação moral de Kohlberg não conseguiu demonstrar empiricamente que a estrutura moral é realmente independente do conteúdo (i.e., «issues, norms, elements») nos diversos estádios de raciocínio moral. Este trabalho também sugere que o imponente «Standard Issue Scoring Manual» (Colby & Kohlberg, 1987) pode constituir, em si mesmo, um tema interessante de pesquisa sobre o desenvolvimento moral. Até aqui, os investigadores têm utilizado esse Manual como um instrumento de avaliação dos estádios morais, não como um tema directo de pesquisa. Para ser «justo», este trabalho sugere que podia ser «injusto» separar esses dois temas de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

Colby, A. & Kohlberg, L. (1987). *The measurement of moral judgment (Vol. II: Standard issue scoring manual.* Cambridge: Cambridge University Press.

Colby, A. & Kohlberg, L. (1987a). *The measurement of moral judgment (Vol. I: Theoretical foundations and research validation).* Cambridge: Cambridge University Press.

Colby, A., Kohlberg, L., Gibbs, J. & Lieberman, M. (1983). A longitudinal study of moral judgement. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 48: 1-124.

Erikson, E. (1977). *Toys and reason: Stages in the revitalization of experience.* New York: Norton.

Kohlberg, L. (1958). *The development of modes of moral thinking and choice in the years ten to sixteen.* Unpublished doctoral dissertation, University of Chicago.

Kohlberg, L. (1969). Stage and sequence. The cognitive-developmental approach to socialization.

In *Handbook of socialization theory and research* (D. Goslin, Ed.), Chicago: Rand-McNally.

Kohlberg, L. (1971). From is to ought: How to commit the naturalistic fallacy and get away with it in the study of moral development. In *Cognitive development and epistemology* (T. Mischel, Ed.), New York: Academic Press.

Kohlberg, L. (1973). Continuities in childhood and adult moral development revisited. In *Life-span developmental psychology: Personality and socialization* (P. Baltes & K. Schaie, Ed.), New York: Academic Press.

Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: The cognitive-developmental approach. In *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (T. Lickona, Ed.), New York: Holt, Rinehart & Winston.

Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development (Vol. I: The philosophy of moral development).* New York: Harper & Row.

Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development (Vol. 2: The psychology of moral development: Moral stages, their narure and validity).* San Francisco: Harper & Row.

Kohlberg, L. Kramer. R. (1969). Continuities and discontinuities in childhood and adult moral development. *Human Development*, 12: 93-120.

Kramer, R. (1968). *Moral development in young adulthood.* Unpblished doctoral dissertation. University of Chicago.

Lakatos, I. (1978). *The methodology of scientific research programmes: Philosophical papers (vol. I).* London and New York: Cambridge University Press.

Loevinger, J. (1976). *Ego development: Concepts and theory.* San Francisco: Jossey-Bass.

Nisan, M. & Kohlberg, L. (1982). Universality and cross-cultural variation in moral development: A longitudinal and cross-sectional study in Turkey. *Child Development*, 53: 865-876.

Piaget, J. (1932/76). *Le jugemen moral chez l'enfant.* Paris: P.U.F..

Rest, J. (1979). *Development in judging moral issues.* Minneapolis: University of Minnesota Press.

RESUMO

A tese Kohlbergiana de que os estádios morais formam um todo estruturado levou Kohlberg a sucessivas reformulações da definição dos estádios de juízo moral e da metodologia para os avaliar. Com efeito, Kohlberg sustentou que os sistemas de avaliação iniciais não distinguiam claramente «estrutura» e «conteúdo», mas que tal distinção estava presente no seu último sistema de avaliação. A finalidade principal deste estudo é examinar em que grau a estrutura de estádio moral é realmente independente do seu conteúdo na última e definitiva versão da metodologia Kohlbergiana (i.e., no «Standard Issue Scoring Manual», Colby & Kohlberg, 1987, 1987a). Partimos da hipótese de que se a estrutura do estádio moral pode ser realmente dissociada do seu conteúdo, então cada um dos 9 estádios estruturais pode ser definido independentemente das diversas categorias de conteúdo moral (i.e., valores, normas e elementos morais) e, acima de tudo, independentemente da categoria de conteúdo moral que Kohlberg considerou como a mais importante (i.e., elementos morais). Os 708 Juízos-Critério contidos no «Standard Issue Scoring Manual» foram distribuídos pelos 9 *estádios* estruturais, pelos 2 *valores* que podem ser escolhidos em qualquer dilema moral de Kohlberg, pelas 8 *normas* morais que os sujeitos podem invocar para a escolha de determinado valor, e pelos 4 tipos de *elementos* morais que os indivíduos podem referir como justificação final para a escolha de determinado valor e norma. Os dados deste estudo mostram que o último sistema de avaliação moral de Kohlberg não é verdadeiramente estrutural e, portanto, não confirmam a tese Kohlbergiana da completa independência entre estrutura e conteúdo. São finalmente discutidas as implicações teóricas e metodológicas destes dados.

ABSTRACT

Kohlberg's claim that moral stages form a «structured wholeness» has led him to a continuing evolution in the proposed definitions of moral judgment stages and in the accompanying assessment methodology. In effect. Kohlberg argued that early scoring systems did not make a rigorous enough distinction between «content» and «structure», and that new scoring methods yield an explicit differentiation of content and structure. The main goal of this study was to examine the degree to which stage structure is really distinguishable from content in Colby and Kohlberg's (1987) Standard Issue Scoring Manual. This study hypothesized that if stage structure can really be dissociated from content, then each moral stage (1, 1/2, 2, 2/3, 3, 3/4, 4, 4/5 and 5) can be defined independently from the moral categories judged to be the most important Kohlbergian content moral categories (i.e., moral elements). All of the 708 criterion-judgments listed in the Standard Issue Scoring Manual were distributed into nine structural stages, two moral issues, eight moral norms, and four types of moral elements (i.e., normative, utilitarian, perfectionist and fairness

elements). Data show that Kohlberg's new scoring system is not truly structural and, thus, do not support Kohlberg's claim that moral structure is really independent from moral content. Theoretical and methodological implications of these data are discussed.